



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos

OS CAMINHOS PERCORRIDOS ENTRE A CATEGORIA TRABALHO E O SERVIÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

ELCIANE SILVA GOMES¹

RESUMO

O estudo percorre o caminho entre a categoria trabalho e a categoria profissional de Serviço Social. Tem como objetivo geral: refletir sobre a relação da categoria trabalho e a categoria profissional de serviço social. Pesquisa qualitativa. Infere-se que a relação da categoria trabalho e a categoria profissional de serviço social é relevante para a construção do exercício profissional hodierno.

Palavras-chave: Categoria Trabalho; Categoria Serviço Social; Serviço Social Contemporâneo.

ABSTRACT

The study covers the path between the work category and the professional category of Social Service. Its general objective is to: reflect on the relationship between the work category and the professional category of social services. Qualitative research. It is inferred that the relationship between the work category and the social service professional category is relevant for the construction of today's professional practice.

Keywords: Work Category; Social Service Category; Contemporary Social Service.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende traçar uma linha cronológica que começa explanando de forma breve a relação homem e natureza, para adentrar assim na categoria trabalho, até que se possa chegar ao encontro da categoria de trabalho do Serviço Social. Tendo em vista que se visa entender melhor essa relação mesmo que seja de forma genérica.

¹ Universidade Estadual do Ceará

Esse entendimento e esse passeio através da categoria trabalho e a categoria do serviço social se faz de extrema relevância para que tanto a sociedade, como os estudantes e os profissionais de serviço social, possa estar refletindo sobre essa relação e sua contribuição para o que a profissão é hoje e como ela se constrói a todo momento na sociedade contemporânea.

Em alguns momentos em meio a um cotidiano acelerado e uma realidade mutável se torna desafiador refletir sobre os processos que envolvem o exercício profissional e seu contexto sócio-histórico. Portanto esse estudo tem como objetivo geral: Refletir sobre a relação da categoria trabalho e a categoria profissional de serviço social. Os objetivos específicos se referem a identificar os elementos que constituem os caminhos que levam desde a categoria trabalho até chegar à categoria do serviço social; verificar os conceitos trazidos pela categoria trabalho e sua relação com o exercício profissional do serviço social.

O estudo tem como metodologia a pesquisa qualitativa, se propondo a se dedicar a subjetividade dos indivíduos, bibliográfica, levando em consideração os autores de referência sobre a temática e explicativa, pretendo explicar a problemática que o tema traz sobre como se dá essa relação entre a categoria trabalho e a categoria do serviço social?

O primeiro tópico traz a introdução deste trabalho e apresentando a temática estudada, como segundo tópicos é trazido a relação do homem com a natureza e o trabalho, o terceiro tópico traz a compreensão do capitalismo como modo de produção, o quarto tópico aborda as expressões do capitalismo na contemporaneidade, o quinto tópico elenca serviço social contemporâneo, já no sexto tópico se tem o contexto pandêmico e os desafios ao serviço social, encerrando a discussão com o sétimo tópico que discorre sobre a conclusão encontrada sobre a temática.

2 RELAÇÃO HOMEM, NATUREZA E O TRABALHO

Ao adentrarmos na construção desse estudo e percorrer os caminhos que perpassam os desdobramentos dessa temática, se faz necessário iniciar essa jornada retornando à pré-história, para delinear a relação do homem com a natureza, processo fundante para discussão sobre trabalho.

O homem realiza a interação com a natureza para produzir o que certos animais já possuem, Childe faz menção ao olfato aguçado, as garras dentre outras características que já fazem parte dos animais e que os homens ainda precisam construir.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O equipamento do homem, porém difere significativamente dos recursos utilizados pelos outros animais, que os transformam em si mesmo, como parte do corpo. O coelho tem patas adequadas para cavar, o leão tem garras e dentes para estraçalhar sua caça, o castor tem presas agudas, a maioria dos animais tem pelos ou cabelos que os mantêm aquecidos – a tartaruga carrega até mesmo a casa às costas. O homem não dispõe de quase nenhum equipamento desse gênero e perdeu mesmo alguns de tais recursos, que lhe eram naturais nas épocas pré-históricas (Childe, 1977, p.10).

Temos o processo evolutivo do homem em paralelo ao do animal irracional, não há uma evolução equiparativa, mas sim distinta “O homem tanto pode fazer as ferramentas como as armas. Em resumo, o equipamento hereditário do animal é adequado à execução de um número limitado de operações, num determinado meio” (Childe, 1977, p.11).

Existem diferenças entre as crianças e os filhotes dos animais. As crianças não nascem com certos instintos aflorados, proporcionando movimentos corporais apropriados como os animais. As crianças herdaram uma tradição social que lhes é ensinada. O caminho de ensinagem dos animais, pode ser feita através da imitação, já para o ser humano isso se faria em um processo lento.

A educação animal pode ser feita totalmente pelo exemplo: o pinto aprende como bicar e o que bicar, imitando a galinha. Para as crianças, que tanto tem a aprender, o método imitativo seria fatalmente lento. Nas sociedades humanas, a instrução é dada tanto pela explicação como pelo exemplo; aperfeiçoaram elas, gradualmente, instrumentos de comunicação entre seus membros (Childe, 1977, p.13).

Morgan (2005) abordou três épocas para descrever a evolução humana, a era selvagem, a barbárie e a civilização, entretanto ele se atentará somente às duas primeiras e o processo de transição para a terceira época, Engels (1984) ainda acrescenta que o desenvolvimento familiar faz parte desse processo.

Morgan é o primeiro a tentar estabelecer, com conhecimento de causa, uma certa ordem na pré-história da humanidade; enquanto uma ampliação material disponível não obrigar as modificações, a estruturação estabelecida por ele permanecerá em vigor (Engels, 1984, p. 04).

A era selvagem será dividida pelo autor em três estágios, inferior, intermediário e superior, onde irá ressaltar a evolução do homem na forma de se alimentar e no descobrimento do fogo. Começará no estágio superior a polir as pedras e a transformá-las em ferramentas. “De modo geral, o fogo e o machado de pedra já possibilitavam os barcos feitos de tronco e, em algumas partes, vigas, tábuas para a construção de casas” (Engels, 1984, p. 05).

A era da barbárie também será dividida nos três estágios e demonstrará em seu período a evolução do homem e sua interação com a natureza, para na época suprir suas necessidades.

Alguns grupos tinham o pastoril e a alimentação de leite na criação de animais para se alimentar, outros povos da época também praticavam o cultivo de cereais para sua alimentação, tendo uma aproximação mais íntima com a natureza (Engels, 1984, p.09).

Lessa inicia seu livro, falando da distinção entre o ser humano e os animais, elencando que a diferença está na capacidade do ser humano de trabalhar. Ressalta que a história está em desenvolvimento, assim como os indivíduos que a habitam.

O que distingue os humanos de todos os outros animais é sua capacidade de trabalhar. As abelhas produzem mel e permanecem sempre as mesmas, as formigas vivem sempre da mesma maneira. Os seres humanos, contudo, ao retirarem da natureza o que precisam, também se transformam (Lessa; Tonet, 2012, p.09).

O trabalho só pode ser desempenhado pelo homem de acordo com a menção acima, levando isso em consideração o trabalho se torna categoria fundante para o mundo dos homens.

Marx (1987, p. 17) irá dizer “como o homem precisa do pulmão para respirar, ele precisa de uma ‘criação da mão humana’ para consumir produtivamente forças da natureza”. Ou seja, o trabalho se coloca como necessidade para subsistência humana.

“Sem a potencialização da capacidade de trabalho que brota da cooperação a humanidade não sobreviveria às carências do período primitivo” (Lessa; Tonet, 2012, p.11). Ou seja, nesse período a cooperação entre os seres humanos foi primordial para sua sobrevivência.

Há um dado momento os homens foram descobrindo novas formas, mais eficientes de retirar os recursos da natureza, desenvolvendo suas forças produtivas. Com o tempo o trabalhador adquiriu uma capacidade de trabalho, que ia além de suas necessidades pessoais. Desta época até os dias atuais, o homem produz muito mais do que o necessário para sobreviver e essa capacidade maior de trabalho, do que o necessário é chamado de trabalho excedente, como traz Marx.

O surgimento do trabalho excedente fez com que, pela exploração do trabalho alheio, se obtivesse muito mais do que pelo próprio trabalho. Passou a ser lucrativa a atividade de opressão e controle dos trabalhadores para deles tirar o trabalho excedente (Lessa; Tonet, 2012, p.13).

Retomando para uma linha evolutiva o trabalho se configurou como trabalho escravo, o trabalho medieval e o proletário, essa exploração do homem pelo homem é chamada de trabalho

alienado. “Passamos, assim, do trabalho de coleta (que funda a sociedade primitiva) ao trabalho alienado (que funda a sociedade de classes”. (Lessa; Tonet, 2012, p.13).

Com o surgimento das classes sociais, o trabalho alienado, trouxe novas necessidades, era necessário instituições de controle para manter a opressão e exploração do operariado e é então assim que nasce o Estado.

Marx e Engels, trazem o conceito de trabalho intelectual e manual, o trabalho intelectual é todas as atividades pensadas pela classe dominante para manter o controle dos trabalhadores e o trabalho manual é a transformação da natureza em bens, que são a riqueza social. (Lessa; Tonet, 2012, p.14).

O trabalho excedente como já mencionado acima tem uma via de mão dupla tanto pode enriquecer o capital como pode causar uma crise nesse sistema capitalista, caso não haja consumo do que foi produzido pelos trabalhadores.

A ‘mão’ não é apenas o meio do trabalho, mas também produto dele, pois à medida que o ser humano vai produzindo, ele vai aperfeiçoando o musculo da mão. Engels acreditava que o desenvolvimento de habilidades motoras das mãos, era passado de geração para geração, cada geração a habilidade iria se desenvolvendo mais (Engels, 1896).

A mão fazia parte de um corpo inteiro. Portanto o que beneficiava a mão, beneficiava o corpo todo. Ainda acrescenta que a necessidade criou o órgão, para Engels a laringe pouco desenvolvida pelo macaco, foi sendo transformada pouco a pouco pelo ser humano, desenvolvendo a linguagem.

Como já foi dito por outros autores acima, Engels (1896) coloca o trabalho como elemento separador entre o ser humano e os animais. Declarando que a consciência e a racionalidade é o que os diferem.

Em seu processo evolutivo o ser humano em um dado momento se distancia da alimentação vegetal e inclui a fauna como fonte de alimentação, esse processo também inclui a sua transformação e a gênese da sua interação com o trabalho. Engels ainda acrescenta a influência do homem sobre a natureza e resposta negativa da mesma a isto, por exemplo, com as secas, as enchentes etc.

O trabalho como categoria já tem em sua natureza um caráter social, assim como as demais categorias, quando partimos da perspectiva ontológica, que se dá na interação do homem com a natureza. O trabalho está no centro do processo de humanização.

Como já referido anteriormente Antunes (2009) também partilha da mesma visão dos autores citados previamente, de que a diferença entre o ser humano e o animal na interação com a natureza se dá no planejar antes de agir dos seres humanos.

O trabalho vem como mediador entre a esfera da necessidade e sua realização, ainda acrescenta que o homem ao transformar a natureza se autotransforma. Isto é caracterizado como uma vitória do comportamento consciente que ultrapassa a espontaneidade.

Nesse processo de autorrealização da humanidade, de avanço do ser consciente em relação ao seu agir instintivo bem como de seu avanço em relação a natureza, configura-se o trabalho referencial ontológico fundante da práxis social (Antunes, 2009, p. 139).

A categoria trabalho na chamada sociedade pós-industrial é trazida por Castro (2022) como elemento da terceirização do trabalho, ou seja, esse trabalho sobre o viés informal.

Esse processo também pode estar vinculado a inclusão das máquinas no sistema de produção. Ocasionalmente desemprego em massa e o nascimento do terceiro setor, que não traz garantida de direitos a esse trabalhador, já que estes podem ser substituídos a qualquer momento por máquinas.

V) por fim, como a atividade desempenhada pelo operário (trabalho) perdeu a importância, ele, enquanto agente da mudança, não é suficientemente representativo, a mais-valia deixou de ser critério decisivo de acumulação de riquezas, a Revolução Proletária – enquanto projeto alternativo de mudança da sociedade – estaria condenada ao museu da história, posto que os principais pilares onde ela se sustentava teriam sido destruídos (Castro, 2022, p. 171).

Assim como outros autores já mencionados acima, Lukács acreditava que o trabalho desenvolvido entre seres humanos e outros animais se difere na medida em que se emprega consciência e não somente fabricação aleatória de um produto. Isso coloca o trabalho no plano ontológico, com isso ele não se torna apenas peculiar para o ser social, mas adquire uma forma de ser (Lukács, 2007, p. 230 *apud* Castro, 2022, p.173).

O trabalho se define em uma atividade que altera o estado natural dos materiais, em busca de melhorar sua atividade, ou seja, de acordo com o autor o apoderamento dos animais dos bens propostos pela natureza não se caracteriza como trabalho, pois não há uma alteração de seu estado natural, somente uma absorção.

Acrescenta-se ainda que como já mencionado anteriormente o homem transforma a natureza diferente dos animais e da vegetação. Braverman ainda traz que o trabalho do ser humano é consciente e planejado e quanto aos outros animais é instintivo. “As atividades

instintivas são inatas antes que aprendidas, e representam um padrão relativamente fixo para a liberação de energia ao receber estímulos específicos” (Braverman, 1974).

O ser humano não é tão diferente do macaco, este também tem habilidade de construir. Entretanto irá se diferenciar em grau, na capacidade de aprender e se adequar. “É certo, como experimentações no comportamento animal têm demonstrado, que os animais não são totalmente destituídos da capacidade de aprender, conceber ideias rudimentares ou mesmo resolver problemas simples” (Braverman, 1974, p. 51).

A produção capitalista separa os trabalhadores dos meios de produção e para que eles possam ter acesso a eles, necessitam vender sua força de trabalho. Ao contrário dos animais o homem pode delegar funções, inventar ferramentas, isso tem grande relevância na ideia de criar algo, até os dias atuais. Isso sendo sua força de trabalho, que para classe dominante é comparada a elementos da natureza, descaracterizando a pessoa humana.

A força de trabalho é uma categoria humana. O número de trabalhadores por conta própria foi diminuindo com o tempo na era medieval e a venda da força de trabalho foi aumentando. Com isso se torna propósito desse trabalhador expandir o capital desse empregador. “O processo de trabalho começa, portanto, com um contrato ou acordo que estabelece condições da venda de força de trabalho pelo trabalhador e sua compra pelo empregador” (Braverman, 1974, p.55).

A capacidade de trabalho é algo inerente ao trabalhador, o que o capitalista tem acesso é a força de trabalho desse individuo, por um determinado período. “O trabalho, como todos os processos vitais e funções do corpo é uma propriedade inalienável” (Braverman, 1974, p. 56).

Por mais que os trabalhadores façam parte do processo, jamais constituíram a superação da determinação ontológica. Lessa (2012, p.27) desenvolve sua crítica de que o paradigma marxista já não dá conta da complexidade, relata sobre uma nova reestruturação produtiva do capital.

O trabalho como categoria fundante tem em sua complexidade a função social, fazendo o intercambio material do homem com a natureza. “O trabalho abstrato é a redução da capacidade produtiva humana a uma mercadoria, a força de trabalho cujo preço é o salário” (Lessa, 2012, p. 28). Ou seja, todas as atividades humanas assalariadas são trabalho abstrato, quando não necessariamente o homem tem essa relação com a natureza.

As atividades de interação do homem com a natureza, levam cada vez menos a participação deles, com o aumento do desenvolvimento. Como veremos na citação a seguir:

As atividades de trabalho (a conversão da natureza em produtos sociais) tendem, conforme avança o processo de socialização, a ocupar uma quantidade cada vez menor de indivíduos e de horas trabalhadas (Lessa, 2012, p.32).

Mesmo com a diminuição da participação do indivíduo nos meios de produção, isso não cancela sua centralidade política, pelo contrário é através desse movimento que os trabalhadores podem ampliar suas “capacidades humanas”.

3 A COMPREENSÃO DO CAPITALISMO COMO MODO DE PRODUÇÃO

Para uma melhor compreensão da categoria trabalho, será elencado a seguir alguns elementos, que a permeiam sobre as definições de alguns autores, acerca da temática.

Para lamamoto (2010) em primeiro lugar a mercadoria vem como predominante e determinante do produto na sociedade, sendo ela um produto do capital. A autora faz assim a relação entre essa mercadoria e o trabalhador, que vende sua força de trabalho e tem a mesma como uma moeda de troca, oferecida ao empregador.

Os protagonistas, capitalistas e o trabalhador assalariado, surgem como personificações do capital e trabalho, pertencentes a determinados lugares sociais, advindos do processo social de produção que é imprimido a esses indivíduos sociais, produtos dessas relações, no contexto ao qual afirmam seu protagonismo (lamamoto, 2010).

De acordo com lamamoto (2010) a mais-valia ocupa o segundo lugar, sendo uma finalidade direta dos capitalistas, determinante na produção. Com isso a tendencia é reduzir o preço do custo e gerar o excedente, intensificando a força produtiva social. O capital só produz capital produzindo mais-valia e explorando a força de trabalho.

Segundo Mészáros (2016) Marx irá trazer alguns conceitos para o campo da problemática da alienação no aspectos históricos e sistemáticos-estruturais, assim analisa:

1) As manifestações da autoalienação do trabalho na realidade, junto com as várias institucionalizações, reificações e mediações envolvidas em tal autoalienação prática, isto é, TRABALHO ASSALARIADO, PROPRIEDADE PRIVADA, TROCA, DINHEIRO, RENDA, LUCRO, VALOR etc. etc.; (Mészáros, 2016, p. 96).

Behring e Boschetti (2011) abordam a contribuição do método marxista para a política social e apontam essa interrelação para o entendimento desta sobre o elemento da natureza capitalista, do papel do Estado e das classes sociais. Ainda se acrescenta as dimensões cultural,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

política e ética, relacionadas com a ofensiva neoliberal, responsabilizando os sujeitos por seu estado de pobreza, justificando a focalização das políticas sociais.

As políticas sociais e as formas de proteção social são formas de desdobramentos para o enfrentamento das refrações multifacetadas da questão social no capitalismo, que se fundamenta nas relações de exploração entre capital e trabalho. Marx buscava desvelar a gênese da desigualdade social no capitalismo, elencando a relação entre desigualdade, a exploração dos trabalhadores e as respostas dadas as classes sociais, como por exemplo, as políticas sociais expressas na realidade de forma diversa por meio da questão social (Behring; Boschetti, 2011).

O capitalismo interfere nas mais variadas dimensões, como na política, na economia, no meio social e no meio ambiente nesse contexto Davis et al. (2020) analisa que:

O capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, mas o faz num contexto de consequências não intencionais (como as mudanças climáticas) e contra as forças evolutivas autônomas e independentes que estão perpetuamente remodelando as condições ambientais. Deste ponto de vista, não existe um verdadeiro desastre natural. Os vírus mudam o tempo todo. Mas as circunstâncias nas quais uma mutação se torna uma ameaça à vida dependem das ações humanas (DAVIS et al., 2020, p.15).

De acordo com a menção assim, é perceptível a interferência do capital no meio ambiente, sendo essa um exemplo de uma das determinações históricas que redimensionam a questão social, presente no cenário brasileiro e com suas particularidades. (Iamamoto, 2010).

4 AS EXPRESSÕES DO CAPITALISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Neto (1996) o capitalismo passa por profundas transformações no século XIX, trata-se do período histórico em que o capitalismo concorrencial sucede o capitalismo monopolista articulando o fenômeno global. Essa transição tinha como objetivo o aumento do lucro sobre o controle dos mercados. O capitalismo monopolista recoloca no centro, as contradições que confere a ordem burguesa e suas características de exploração, alienação e transitoriedade histórica, todas elas desveladas pela crítica marxiana.

Para o capitalismo representa o fim da história, na qual a economia ao invés de ser um conjunto de ações do homem, nas quais ele procura o necessário para reproduzir sua vida, se torna ao contrário, um intercâmbio de mercadorias ou mercado. E isso se transforma em um ambiente entendido como espaço de liberdade, o qual os indivíduos “escolhem” comprar ou vender (Brasil, 2009).

De acordo com Junior (2012) o desenvolvimentismo está localizado na economia e na política brasileira de forma indissociável na segunda metade dos anos 2000. Sendo uma tentativa de extensão da economia para resistir ao tempo, ficando no meio do fogo cruzado entre duas linhas, a monetarista e desenvolvimentista que disputavam o controle da política econômica brasileira.

Esses novos desenvolvimentistas são adeptos ao capital internacional, ao agronegócio, não são entusiastas de mudanças na história, defendem a estagnação da ordem. O velho desenvolvimento acreditava na necessidade de reformas estruturais, que desamarrassem o capitalismo selvagem na periferia do sistema capitalista mundial (Junior, 2012).

A intervenção do sistema capitalista desde a revolução industrial, representou um grande salto no processo de exploração do meio ambiente, de forma que ao passar dos séculos essa exploração só vem aumentando. A extração intensiva das reservas de combustíveis fósseis, amplia o espaço para uma expansão jamais vista das atividades humanas sobre os recursos naturais (Santos, 2017).

Para Behring e Boschetti (2011) a análise das políticas públicas tendo enfoque dialético, estão presentes três elementos, a natureza do capitalismo, o papel do Estado e das classes sociais, levando isso em consideração é pertinente o estudo do meio ambiente como já citado acima e as próximas dimensões que se seguem.

A política econômica, como seus indicadores de inflação, taxas de juros, a autonomia do Estado na condução dessa política; o âmbito político e o papel do Estado sobre ele e sua relação com os interesses de classes sociais, especialmente na condução das políticas econômicas e sociais e a dimensão cultural, relacionada também a política. As políticas sociais estão relacionadas as estratégias de hegemonia (Behring; Boschetti, 2011).

Como exemplo da ofensiva neoliberal nas políticas sociais, iremos trazer a política de saúde instituída desde 1988, que está imbuída por dois projetos em disputa, o de Reforma Sanitária e o Projeto Privatista, este último está articulado ao mercado, pautada em uma política de ajuste, de contenção de gastos e de focalização, com concepções individualistas e fragmentadas da realidade que se contrapõe aos princípios coletivos e universais do primeiro projeto (Bravo, 2011).

A questão social se apresenta de diversas formas no cenário contemporâneo dentre elas, como desemprego, sendo determinante o desenvolvimento tecnológico, a pauperização que advém da apropriação privada pelo capital do que é produzido pela classe trabalhadora, assim



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

como a desigualdade e a exclusão social (Santos, 2012). Destarte, todas essas expressões da questão social se apresentam em suas múltiplas manifestações no âmbito da saúde.

A precarização do trabalho em saúde afeta profundamente a qualidade dos serviços prestados aos usuários do Sistema Único de Saúde – SUS, tendo em vista que os serviços de saúde não podem se efetivar sem o trabalho humano em todas as suas dimensões. Em simetria também ocorre o processo de precarização dos serviços de saúde (Bravo, 2011). Dessa forma se faz perceptível os atravessamentos das refrações da questão social na política de saúde.

5 SERVIÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Para Iamamoto e Carvalho (2014) O/A Assistente Social não tem sido um profissional autônomo, que exerça de forma independente suas atividades, seja no que se refere, a maneira de exercer seu trabalho, seja em sua jornada e remuneração salarial. Outra característica que se pode ressaltar é o contato direto do/a profissional com os/as usuários/as, isso reforça um certo espaço para atuação técnica, demonstrando uma possibilidade de se reorientar a forma de intervenção. Podendo assim apresentar propostas que ultrapassem a demanda institucional.

O serviço social constitui sua ligação com as políticas sociais no Brasil desde a intervenção estatal, que advém dos processos de modernização conservadora, para que houvesse o enfrentamento das expressões latentes da questão social, acompanhando a profissionalização do serviço social, como especialização do trabalho coletivo (Behring; Boschetti, 2011).

Problematizar o trabalho do/a Assistente Social na sociedade hodierna, supõe pensá-lo como uma fração do trabalho da classe trabalhadora, onde os profissionais também vendem sua força de trabalho em troca de salário, não estando assim isento dos dilemas e constrangimentos que fazem parte do cotidiano dos trabalhadores assalariados. Destarte, pensar criticamente a violação de direitos dos próprios Assistentes Sociais, em relação a violação dos direitos dos trabalhadores, requerer uma sistematização das questões específicas em relação as lutas gerais da classe trabalhadora no tempo presente (Raichelis, 2011).

Nas últimas década a categoria de serviço social se propôs a construir formulações teóricas de análise da questão social se propondo a explicar o fenômeno do desemprego, a crescente precarização do trabalho, a regressão dos direitos sociais e o aumento da miséria, através de uma teoria social que não se resume a explicação elogiosa, mas na apreensão de

determinações sociais concretas, historicizando as relações sociais, tratando-as no âmbito de disputa dos projetos societários (Souza; Silva, 2019).

6 CONTEXTO PENDÊMICO E OS DESAFIOS AO SERVIÇO SOCIAL

Na pandemia da covid-19, em âmbito de maior crise sanitária, o governo federal minimizou a situação em função de seu projeto de extrema direita, colocando a economia a frente da vida das pessoas, com uma política genocida e ultraliberal. Diante desse cenário o serviço social foi convocado a atuar juntamente com os demais trabalhadores/as da saúde no enfrentamento da pandemia da covid-19 (Soares et al., 2021).

De acordo com Soares et al. (2021) a atuação do serviço social na pandemia, ocorreu em meio a condições precárias, e muitas vezes, com vínculos precarizados. Assistentes Sociais em todo o país tiveram que lidar com os mais variados desafios, inclusive, com demandas que não condizem com suas atribuições privativas e competências profissionais. Entretanto, desempenharam sua relativa autonomia profissional com capacidade propositiva a partir de seu projeto ético-político.

A incorreta compreensão de que os/as Assistentes Sociais têm competência de repassar informações clínicas aos familiares de pacientes e naquele momento também de pacientes com covid-19, se fez presente dentro do serviço e a coerção das famílias manifestadas como demanda, veio como tradução da questão social no cotidiano do exercício profissional. Destarte, o serviço social ao defender suas atribuições e competências profissionais respaldadas em lei, o fez protagonizar essa conquista ao lado das famílias de que compete aos médicos os repasses de dados clínicos dos/as pacientes (Cavalcante, 2020).

De acordo com Pereira (2021) o cenário anterior a pandemia já era escasso e imbuído de dificuldades para atendimento mantendo o sigilo profissional, cumprindo a imediatividade que um hospital de urgência e emergência impõe. Entretanto durante a pandemia essas questões se tornaram extremas e refletiram no modo como a saúde está sendo gerida no país, com precariedade e sucateamento em sua promoção, em um contexto adverso. O serviço social enquanto pertencente a classe trabalhadora não se isentou dos processos produzidos pelo capital ao longo da história.

7 CONCLUSÃO



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A relação do homem com a natureza se traduz como uma definição da categoria trabalho, esses estudos advêm desde os primórdios com o descobrimento do fogo, a relação do homem com a fauna e a flora segundo Childes (1997). O trabalho traz consigo seus elementos e com isso adentra a essa história o capitalismo, onde neste trabalho foi discutido o capitalismo como modo de produção e sua intervenção no processo de reprodução das relações social, que contribuiu para percorrermos esse caminho a ser trilhado até o serviço social.

As expressões do capitalismo na contemporaneidade são diversas, o processo de distribuição de riqueza desigual, trouxe consigo um impacto feroz para a sociedade, antes vista como caso de polícia, na década de 1930 a questão social ficou reconhecida e legitimada pelo Estado, o tornando responsável pelo seu enfrentamento, a questão social se delineia através da desigualdade social, pauperização e exclusão social dentre outras expressões.

A luta entre capital e trabalho trouxe alguns desdobramentos, para o enfrentamento das expressões da questão social são formuladas políticas publicas para darem respostas a classe trabalhadora e “apaziguar” os ânimos, para executar essas políticas o serviço social é convocado pelas empresas e pelo Estado.

O Serviço Social está inserido na divisão social e técnica do trabalho, com o passar dos anos a profissão teve um amadurecimento intelectual, adotando o materialismo histórico-dialético de Karl Marx. Tendo uma nova leitura sobre o seu lugar nessa luta de classes os profissionais decidiram de que lado estariam e como de agora em diante veriam a categoria trabalho, lembrando que há uma intenção de ruptura com o conservadorismo, mas esse não é um processo findado.

Se faz relevante para esse estudo trazer um capítulo importante para história da profissão, que foi estar na linha de frente da pandemia da covid-19, levando em consideração todo o contexto do capitalismo contemporâneo, a luta de classes entre capital e trabalho e os atravessamentos que permearam o exercício profissional nesse processo, em um contexto novo, mas com processos já existentes, tendo em vista que os/as Assistentes Sociais também se constituem como classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. [– 2ed. 10. Reimpr. rev. e ampl.]. São Paulo: Boi tempo, 2009.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história.** São Paulo: Cortez, 2011.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista.** Trad. Nathanael C. Caxeiro. – 3 ed. Guanabara, 1974.

BRAVO, Maria Inês Souza. **Serviço Social e Reforma Sanitária: lutas sociais e práticas profissionais.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTRO, Rogerio. **A centralidade do trabalho na chamada era informal.** Argum, Vitória, v.14, n.3, p.47-66, set./dez, 2022.

CAVALCANTE, Francisco Brenno Soares. **Serviço social no combate à covid-19: respostas profissionais durante a pandemia em Fortaleza – CE.** Joinpp, 2021. Disponível em: < http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoid_789_78961206ab1990d0.pdf >. Acesso em: 21 de maio de 2022.

CHILDE, V. Gordon. **Ideologia.** Edimburgo, outubro de 1941, Brasil 1977.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Curso de Especialização em Direitos Sociais e Competências Profissionais.** Brasília: CFESS/UNB, 2009.

DAVIS, Mike, et al: **Coronavírus e a luta de classes.** Terra sem Amos: Brasil, 2020.

ENGELS, Frederic. **A origem da Família e da Propriedade Privada e do Estado.** – 9ª ed. Civilização Brasileira, 1884.

_____; Frederic. **Sobre o Papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** Neve Zelt – 1876.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** São Paulo: Cortez, 2010.

_____; CARVALHO, Raúl de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** – 40. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

JUNIOR, Plínio de Arruda Sampaio. **Desenvolvimentismo e Neodesenvolvimentismo: tragédia e farsa.** Serv. Soc. Soc, São Paulo, n. 112, p. 672-688, out/dez. 2012.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Proletário e Sujeito Revolucionário.** – 1 ed. Instituto Lukács. São Paulo, 2012.

_____; Sergio. **Mundo dos Homens: Trabalho e Ser Social.** – 3 ed. Rev. Cor. Instituto Lukács, São Paulo, p.254, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** [Tradução: Nélío Schneider] 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

MORGAN, L. A sociedade antiga. In: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NETO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** Cortez: São Paulo, 1996.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

PEREIRA, Maria Erica Ribeiro. **Sobre o trabalho do serviço social na pandemia:** um relato de experiência. Conbracis, 2020. Disponível em: <
https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conbracis/2020/TRABALHO_EV135_MD7_SA_ID912_21112020173328.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

RAICHELIS, Raquel. **O assistente Social como trabalhador assalariado:** desafios frente a violações de seus direitos. Serv. Soc. Soc, São Paulo, n.107, p.401-402, jul./set. 2011.

SANTOS, Edilene de Jesus. **O capitalismo e a questão ambiental:** reflexões teóricas sobre a economia do meio ambiente. Disponível em: <
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo9/ocapitalismoeaquestaoambientalreflexoestoricassobreaeconomiadomeioambiente.pdf>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2022.

SANTOS, Joseane Soares. **Questão Social:** Particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção biblioteca básica de serviço social. v.6).

SOARES, Raquel Cavalcante. et al. **Serviço social na política de saúde no enfrentamento da pandemia da covid-19.** Serv. Soc. Soc, São Paulo, n. 140, p. 118-133, jan/abr. 2021.

SOUZA, Edvânia Ângela de; SILVA, Maria Liduína de Oliveira e (Orgs). **Trabalho, Questão Social e Serviço Social:** a autofagia do capital. – São Paulo: Cortez, 2019.